

ELSINORE



PEARL S. BUCK

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

A ETERNA DEMANDA

ROMANCE INÉDITO

Tradução de Margarida Periquito

YOU ARE WELCOME TO ELSINORE

Entre nós e as palavras há metal fundente
entre nós e as palavras há hélices que andam
e podem dar-nos morte violar-nos tirar
do mais fundo de nós o mais útil segredo
entre nós e as palavras há perfis ardentes
espaços cheios de gente de costas
altas flores venenosas portas por abrir
e escadas e ponteiros e crianças sentadas
à espera do seu tempo e do seu precipício

Ao longo da muralha que habitamos
há palavras de vida há palavras de morte
há palavras imensas, que esperam por nós
e outras, frágeis, que deixaram de esperar
há palavras acesas como barcos
e há palavras homens, palavras que guardam
o seu segredo e a sua posição

Entre nós e as palavras, surdamente,
as mãos e as paredes de Elsinore

E há palavras noturnas palavras gemidos
palavras que nos sobem ilegíveis à boca
palavras diamantes palavras nunca escritas
palavras impossíveis de escrever
por não termos connosco cordas de violinos
nem todo o sangue do mundo nem todo o amplexo do ar
e os braços dos amantes escrevem muito alto
muito além do azul onde oxidados morrem
palavras maternais só sombra só solução
só espasmos só amor só solidão desfeita

Entre nós e as palavras, os emparedados
e entre nós e as palavras, o nosso dever falar

MÁRIO CESARINY

ÍNDICE

9

Prefácio

—

19

A Eterna Demanda

—

299

Sobre o Ilustrador

—

PREFÁCIO

Este romance escrito pela minha mãe, Pearl S. Buck, foi aquele a que ela se dedicou nos anos que antecederam a sua morte, com oitenta anos de idade, em Danby, no Vermont, a 6 de março de 1973. Os seus assuntos pessoais nos últimos anos de vida foram caóticos. Envolvera-se com indivíduos que tinham em mira a sua fortuna, o que a indispôs com a família, os amigos, o seu pessoal e os editores. Estava praticamente falida. Os seus sete filhos adotivos, um dos quais sou eu, não tiveram acesso aos bens dela, e tanto o manuscrito original como uma cópia datilografada de *A Eterna Demanda* foram levados por alguém e estiveram desaparecidos durante quarenta anos.

Após a sua morte, eu e os meus irmãos diligenciámos no sentido de recuperar o que restava da sua propriedade literária e pessoal e, passados vários anos, fomos finalmente bem-sucedidos. Passei a ser o testamenteiro literário de Pearl Buck. Porém, antes que a família conseguisse ter o controlo dos seus bens, muitas coisas, tais como os seus papéis pessoais, cartas, manuscritos e outros haveres, desapareceram. A família nunca foi informada da existência da sua última criação literária. Recuperámos, nos anos que se seguiram à sua morte, outras coisas que haviam sido subtraídas. Em 2007, o manuscrito original do mais famoso romance de Pearl Buck, *Terra Bendita*, foi recuperado. Tinha sido roubado e escondido por uma antiga secretária, algures em meados dos anos sessenta.

Em dezembro de 2012, tive conhecimento de que uma mulher, no Texas, comprara o conteúdo de um armazém público em

Fort Worth. A respetiva renda não fora paga até àquela data e, por lei, a empresa de armazenagem era autorizada a leiloar o recheio. Quando a compradora inspecionou o local, encontrou, entre outras coisas, aquilo que parecia ser um romance original escrito à mão por Pearl Buck, com mais de trezentas páginas, juntamente com uma cópia datilografada. A mulher queria vender os manuscritos e, após negociações, a família adquiriu-os.

Não sabemos quem retirou o manuscrito de Danby, Vermont, quando foi dali levado, nem como foi parar a um armazém em Fort Worth, no Texas.

A minha mãe nasceu em Hillsboro, no estado da Virgínia Ocidental, em 26 de junho de 1892, filha de Absalom e Caroline Sydenstricker. O pai era um missionário presbiteriano que fora inicialmente para a China em 1880 com a esposa, Caroline. Tinham direito a um período de licença na pátria de dez em dez anos e foi durante a primeira licença, um pouco prolongada, que Pearl nasceu. Em novembro de 1892, a família regressou à China. Pearl voltaria aos Estados Unidos com os pais em agosto de 1901, para um período de licença que se prolongaria até agosto de 1902, e regressaria para passar os anos da faculdade, entre 1910 e 1914; entre 1925 e 1926 voltou novamente, para fazer um mestrado em Letras na Universidade de Cornell. Só em 1934 se mudou definitivamente para os Estados Unidos. Por conseguinte, passou os primeiros quarenta anos de vida maioritariamente na China.

Conhecia intimamente a terra, o povo e a cultura. Em 1917 casou-se com John Lossing Buck, um missionário agrónomo a quem o trabalho levou, juntamente com Pearl, a partes remotas da China. Foi aí que Pearl adquiriu um profundo conhecimento da vida dos agricultores chineses, das suas famílias e da respetiva cultura. Esse conhecimento evidenciou-se em *Terra Bendita*.

Em 1921 os Bucks mudaram-se para Nanjing, onde ambos lecionaram na universidade.

Pearl sabia desde a infância que queria ser escritora. Quando era jovem, saíram alguns artigos de sua autoria no *Shanghai Mercury*, um jornal em língua inglesa. Enquanto estudante no Colégio Feminino Randolph-Macon, escreveu contos e peças, ganhou prêmios literários e foi eleita para a Phi Beta Kappa.

Em finais dos anos vinte escreveu o seu primeiro romance, *Vento do Oriente, Vento do Ocidente*. Enviou-o a um agente literário de Nova Iorque, que o remeteu a diversos editores que o rejeitaram, principalmente por se centrar na China. Até que, em 1929, o presidente da John Day Company, Richard J. Walsh, o aceitou, publicando-o em 1930.

Walsh disse-lhe que continuasse a escrever. O livro que se seguiu foi *Terra Bendita*, publicado em 1932. Este romance foi imediatamente um *best-seller* e trouxe-lhe fama e bem-estar financeiro. Além disso, levou a uma relação amorosa com Richard Walsh, com quem ela se casou em 1935, depois de se divorciar de Lossing Buck e de Walsh se divorciar da primeira mulher, Ruby. A parceria literária entre o editor Walsh e a escritora Buck viria a ser imensamente produtiva e coroada de êxito. Até à sua morte em 1960, Walsh editou e publicou todos os livros de Buck.

Os meus pais adotivos, Pearl Buck e Richard Walsh, fixaram residência em Bucks County, na Pensilvânia. Conservaram também um apartamento em Nova Iorque, onde a John Day Company se localizava. À época do casamento, Pearl tinha duas filhas: Carol, a filha biológica deficiente profunda, e uma filha adotiva, Janice. Walsh tinha três filhos adultos do primeiro casamento, que não viviam com ele.

Com o novo casamento e a nova casa, os Walshes decidiram adotar mais crianças. No início de 1936 adotaram dois bebês do sexo masculino, e catorze meses depois um menino (eu)

e uma menina. No início da década de cinquenta, adotaram duas adolescentes. A vida da família estava centrada naquilo a que Pearl chamava Green Hills Farm, uma propriedade com cerca de duzentos hectares, que incluía uma antiga casa de campo confortavelmente ampliada para a família e vários terrenos agrícolas onde se criava gado e se produziam colheitas, dos quais se ocupavam um capataz e os respetivos trabalhadores. Pearl Buck viveu e trabalhou em Green Hills Farm de 1935 até se mudar para Vermont, onde passou os últimos três anos de vida.

Em novembro de 1938, Buck recebeu o Prémio Nobel da Literatura. Considerado por muitos o maior galardão que um escritor pode receber, foi-lhe atribuído pelo conjunto da obra, que até ali consistia em sete romances e duas biografias, mais alguns ensaios e artigos. Muitos críticos acharam que Buck, então com quarenta e seis anos, era demasiado jovem e que o seu trabalho não era suficientemente «literário», por ser de leitura «agradável» e «acessível».

Apesar das críticas, o prémio confirmou, no espírito de Buck, que ela era uma excelente escritora, que os invejosos podiam ser ignorados, e que ela simplesmente se sentaria a fazer aquilo de que gostava: escrever histórias! Quando faleceu, o conjunto da sua obra consistia em quarenta e três romances, vinte e oito livros não ficcionais, duzentos e quarenta e dois contos, trinta e sete livros para crianças, dezoito guiões para cinema e televisão, diversas peças cénicas e musicais, quinhentos e oitenta artigos e ensaios, além de milhares de cartas.

Eu tinha um ano e meio de idade quando a minha mãe ganhou o Prémio Nobel. Não tenho qualquer lembrança da emoção que os meus pais devem ter sentido. A única recordação que guardo desse acontecimento é um postal esfarrapado que ela me enviou da Suécia após a cerimónia de entrega do prémio.

A nossa vida familiar em Green Hills Farm durante os últimos anos da década de trinta e ao longo dos anos quarenta foi tranquila, reservada e protegida. A guerra do Japão, que começara com a invasão da remota Manchúria em setembro de 1931 – a qual abriu caminho à encarniçada guerra contra a China e, posteriormente, contra os Estados Unidos –, não perturbou o sossego da Pensilvânia rural. Quando o nosso país entrou em guerra com o Japão e a Alemanha em dezembro de 1941, essas batalhas ocorriam muito longe. Tivemos, sim, de abandonar a nossa casa de férias em Island Beach, na Nova Jérсия, quando alguns navios foram torpedeados ao largo da costa e o combustível dos navios-tanques afundados tingiu as praias de negro.

Longe das bombas e dos campos de batalha, Pearl Buck era uma feroz defensora da ajuda militar e humanitária ao povo e aos exércitos da China. Embora o seu país estivesse envolvido numa luta de vida ou de morte com os exércitos do império japonês, nos seus artigos falou muitas vezes da necessidade de se compreender que o povo japonês fora arrastado para uma calamidade por líderes criminosos. Hoje, no século XXI, o governo e o povo da China respeitam Pearl Buck pelo seu trabalho humanitário em prol da China durante a Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, os seus livros passados no Japão falam da humanidade e da cultura do honesto povo daquela nação.

Durante a minha infância, a casa encontrava-se cheia de livros, pois o meu pai trazia para casa as obras dos outros escritores que publicava, e Pearl recebia novos livros que lhe eram enviados na esperança de que ela escrevesse um comentário promocional que contribuisse para divulgar a obra de algum colega escritor. Vinham visitar-nos homens e mulheres fascinantes: africanos, chineses, europeus e indianos. Eram escritores, intelectuais, diplomatas e ocasionalmente políticos. Os visitantes

que melhor recorde foram o escritor Lin Yutang, acompanhado da esposa e três lindas filhas, e o famoso aguarelista Chen Chi, que durante as suas visitas pintou várias imagens da nossa casa. O embaixador da Índia nos Estados Unidos, assim como a irmã do primeiro-ministro indiano Nehru, Vijaya Lakshmi Pandit, e as filhas, eram visitas habituais. Entre os nossos vizinhos contavam-se Oscar Hammerstein, James Michener, David Burpee e a colónia de artistas e escritores da vizinha New Hope, Pensilvânia.

Numa ala da nossa casa, ligada ao edifício principal por um passadiço com janelas de sacada, havia três escritórios. Um era do meu pai, outro da minha mãe, e o outro era das secretárias de ambos. O escritório da minha mãe continha a sua secretária, uma lareira e confortáveis poltronas, destacando-se nele uma grande janela panorâmica de onde se viam roseirais, lagos com nenúfares e os campos onde as nossas vacas *Guernsey* pastavam. Ao longe avistava-se uma ponte de pedra com três arcos, por onde passava a estrada pública.

No sossego da região rural de Bucks County, Pearl Buck deu largas à escrita. Depois da viagem à Suécia para receber o Prémio Nobel em 1938, não saiu dos Estados Unidos até finais da década de cinquenta. Dirigiu a casa e orientou o pessoal e as crianças com mão firme. Dedicava-se à escrita criativa durante quatro horas, todas as manhãs. De tarde respondia às cartas dos admiradores e tratava de assuntos práticos. Arranjava sempre tempo para ajudar os filhos com os trabalhos de casa e as aulas de piano, e para nos estimular a fazermos o nosso trabalho o melhor possível. A ociosidade era um anátema. Os anos passados na China, que lhe revelaram a pobreza da maioria daquele povo entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, instilaram nela a convicção de que uma pessoa só pode prosperar através de trabalho rigoroso.

*

A 4 de janeiro de 2013, o manuscrito e a cópia datilografada de *A Eterna Demanda* chegaram às minhas mãos. Abri a encomenda que chegou do Texas. Olhei para a caligrafia familiar da minha mãe e comparei o original com a cópia datilografada. Não havia dúvida de que eram genuínos. Quando fiz a primeira leitura integral do romance, comprovei que se tratava de uma obra dela, mas apercebi-me de que precisava de ser revisto. Era evidente que alguém, desconheço quem, fizera algumas alterações quando a cópia fora datilografada. A pessoa que passara o original à máquina percebera mal algumas das palavras manuscritas, e a minha mãe, escrevendo com a pressa habitual, introduzira erros em sequências temporais e palavras de transição em vários sítios. Senti que, se ela tivesse vivido mais tempo, teria alterado algumas partes e prolongado ou alterado o final.

Quando a Open Road Integrated Media, que publica os *e-books* de Pearl Buck e é a editora da presente obra, me apresentou as primeiras provas, eu revi-as, e tentámos em conjunto suavizar as partes imperfeitas do manuscrito na medida do possível, alterando o menos possível o trabalho original. O princípio que me orientou foi tentar permanecer fiel àquilo que conheço da escrita da minha mãe e da edição do meu pai.

Enquanto lia o livro, também me diverti ao notar um expediente familiar que a minha mãe usava em muitos dos seus livros e contos. Se vivia uma experiência interessante, se visitava um lugar especial ou encontrava uma pessoa fascinante, introduzia o acontecimento, o lugar ou a pessoa numa das suas histórias. Também fazia uso de pormenores mundanos da sua vida privada. Neste livro, a certa altura, Rann, o jovem cuja vida acompanhamos, está em casa com a mãe:

Pôs o cão na garagem e em seguida voltou para a cozinha e sentou-se à mesa, enquanto a mãe cozinhava qualquer coisa. — Nenhum de nós deve ter fome — disse ela —, mas vou fazer bolo de gengibre e aquele molho doce especial de que tu gostas.

O bolo de gengibre caseiro da minha mãe com um molho doce especial tinha fama, e nós, os filhos, sempre o adorámos e ansiávamos por ele.

Noutro ponto do livro, o Rann adolescente vai de barco para Inglaterra. A bordo conhece uma bonita mulher mais velha, viúva, aristocrata. Quando chegam a Inglaterra, ela convida-o a ficar no seu castelo nos arredores de Londres. Em 1959, eu e a minha mãe fomos hóspedes num castelo a norte de Londres. É esse castelo que ela descreve no livro.

Creio que é importante trazer esta obra a público, apesar das suas debilidades. Quando levei o manuscrito a Jane Friedman, diretora executiva da Open Road Integrated Media, ela concordou que o livro devia ser publicado. A equipa de Jane trabalhou afincadamente de modo a prepará-lo para publicação, e estou grato a todos. Penso que a minha mãe teria gostado.

Mas é impossível saber de que maneira Pearl Buck, se tivesse vivido mais tempo, teria revisto este que é, tal como está, um trabalho imperfeito. Era uma perfeccionista, e este livro está longe de ser perfeito. Não deixou instruções sobre o aspeto que o romance deveria ter na sua forma final. Todavia, para os seus leitores passados e atuais, esta obra representa uma oportunidade única de conhecê-la realmente e de compreender os seus sentimentos e convicções. Vivi em casa dela quase vinte e cinco anos. Quando casei e me mudei, permaneci em contacto constante com ela, até à sua morte. Por isso, estive sempre a par dos seus amplos interesses para além da vida de escritora. Foi uma defensora profundamente empenhada dos direitos das

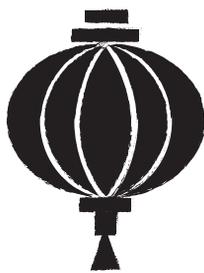
mulheres, dos direitos das minorias, dos direitos dos deficientes, dos direitos das crianças e adultos mestiços e da tolerância religiosa. Em suma, sempre pugnou pelos menos afortunados deste mundo. Ao lerem este romance, verão que, servindo-me do título da tradução que fez de um conto chinês clássico, ela acreditava que «os homens são todos irmãos».

De certo modo, ler esta história foi como estar outra vez em casa com a minha mãe, no seu escritório, ambos sentados descontraidamente à lareira, enquanto ela ia partilhando pensamentos, conhecimento e opiniões. O jovem génio que é a personagem central deste livro poderia ser considerado uma figura autobiográfica, e as várias personagens que interagem com ele e o educam falam como a minha mãe teria falado. Anos após a sua morte, Pearl Buck ainda tem leitores no mundo inteiro e as suas obras continuam a ser traduzidas para muitas línguas. Julgo que os admiradores de Pearl Buck encontrarão nestas páginas a maneira de contar histórias que sempre apreciaram na minha mãe, e oxalá sintam alguma admiração como a que eu senti ao lê-las. Se nenhum outro manuscrito escondido vier à luz, esta será considerada a sua última obra.

—
Edgar Walsh
Julho de 2013

*A vida é a curiosidade
de que estamos todos imbuídos...*

PRIMEIRA PARTE



Estava a repousar em águas paradas. O que não significa que o seu mundo estivesse sempre imóvel. Por vezes apercebia-se de movimento, até de movimento violento, no seu universo. O fluido ténido que o envolvia era capaz de o baloiçar para cá e para lá, podia até atirá-lo de um lado para o outro, por isso ele abria muito os braços instintivamente, tenteando com as mãos, ao mesmo tempo que esticava as pernas como uma rã. Mas ele nada sabia a respeito de rãs — era muito cedo para isso. Demasiado cedo para saber isso. Por enquanto, o instinto era a sua única ferramenta. Estava sossegado na maior parte do tempo; ativo, apenas quando reagia a movimentos inesperados no universo exterior.

Essas reações, necessárias, como lhe dizia o instinto, para se proteger, tornaram-se também motivo de prazer. O instinto passou a ser ação positiva. Já não esperava por estímulos exteriores. Passou a senti-los em si próprio. Começou a movimentar os braços e as pernas; rolava sobre si mesmo, primeiro por casualidade, mas depois com intenção e com a sensação de ter realizado uma proeza. Conseguia mover-se de um lado para o outro neste mar ténido só seu e, à medida que foi crescendo, tomou consciência das suas limitações. De vez em quando, uma mão ou um pé embatiam numa parede macia mas firme, para lá da qual não conseguia ir. Para trás e para a frente, para cima e para baixo, a toda a volta, mas para o lado de lá, não. Era essa a sua limitação.

Uma vez mais o instinto agiu nele, impulsionando-o para ações mais violentas. Tornava-se maior e mais forte de dia para dia, ao mesmo tempo que o seu mar privativo se tornava mais pequeno. Em breve seria grande de mais para o espaço em que se encontrava. Pressentia-o sem o saber. Além disso, chegavam-lhe sons vagos e longínquos. Até aí, estivera rodeado pelo silêncio, mas agora os dois pequenos apêndices, um de cada lado da cabeça, pareciam conter ecos. Esses apêndices tinham uma utilidade que ele não conseguia entender, porque não era capaz de pensar, e não era capaz de pensar porque nada sabia. No entanto, sentia. Conseguia ter uma sensação. Por vezes queria abrir a boca para emitir um som, mas desconhecia o que era um som ou mesmo que o queria produzir. Por enquanto, não podia saber nada. Nem sequer sabia que não podia saber. O instinto era a única coisa que tinha. Estava à mercê do instinto porque não sabia nada.

O instinto, porém, fê-lo por fim chegar à conclusão de que já era grande demais para o espaço que o continha, fosse ele o que fosse. Sentia-se desconfortável, e esse desconforto, de repente, incitou-o a revoltar-se. O lugar onde se encontrava era pequeno para ele e, instintivamente, queria libertar-se. O instinto manifestou-se através de uma impaciência crescente. Arremessava os braços e as pernas com tanta força que um dia as paredes cederam, e as águas precipitaram-se para fora, abandonando-o, deixando-o desamparado. Nesse momento ou pouco depois, pois ainda não podia compreender, uma vez que não sabia, sentiu forças que o impeliam de cabeça para baixo para uma passagem estreita e intransitável. Nunca teria conseguido avançar, se não estivesse molhado e viscoso. Centímetro a centímetro, certas contorções foram-no empurrando para diante e para baixo, no escuro. Não que ele soubesse alguma coisa sobre o escuro, uma vez que não podia saber nada. Mas sentia-se impelido por forças que o empurravam para diante.

Ou estaria simplesmente a ser rejeitado, por ter crescido demais? Impossível saber!

Continuou a viagem, abrindo caminho à força pela estreita passagem, obrigando as paredes a dilatarem. Outro tipo de fluido jorrou, arrastando-o no seu caminho até que bruscamente, aliás com tal brusquidão que parecia ter sido expulso, desembocou no espaço infinito. Foi agarrado, ainda que não o soubesse, mas foi agarrado pela cabeça, embora delicadamente, erguido a grande altura – pelo quê, não soube, pois não podia – e depois sentiu-se suspenso pelos pés, de cabeça para baixo, tendo acontecido tudo tão depressa que não soube como reagir. Então, nesse instante sentiu algo afiado nas solas dos pés, uma sensação nova. De repente tomou conhecimento de alguma coisa. Tomou conhecimento da dor. Estendeu os braços. Não sabia lidar com a dor. Queria regressar ao lugar onde sempre estivera, àquelas águas tépidas e seguras, mas não sabia como. Porém, não queria prosseguir. Sentiu-se sufocado, sentiu-se impotente, sentiu-se completamente só, mas não sabia o que fazer.

Enquanto hesitava, receoso sem saber o que era o receio, apenas consciente, por instinto, de que estava em perigo sem saber o que era o perigo, voltou a sentir no pé o dardo afiado da dor. Alguma coisa o agarrava pelos tornozelos, alguém o sacudia, não sabia o quê, não sabia quem, mas agora conhecia a dor. Subitamente o instinto veio em seu socorro. Não podia regressar, nem podia ficar como estava. Portanto, tinha de avançar. Tinha de fugir à dor, avançando. Não sabia como, mas sabia que tinha de avançar. Desejou avançar, e com esse desejo o instinto guiou-o. Abriu a boca e fez um ruído, um grito de protesto contra a dor, mas foi um protesto positivo. Sentiu que os pulmões de repente se livravam do líquido que já não lhes fazia falta, e aspirou ar. Não sabia que era ar, mas sentiu que ele tomava o lugar da água e que não era estático. Algo dentro

de si o inspirava e expirava instintivamente, e, enquanto isso se passava, de repente começou a chorar. Não sabia que estava a chorar, mas ouviu a própria voz pela primeira vez, embora não soubesse se era a sua voz ou que voz era aquela, mas por instinto gostava de chorar e de ouvir.

E depois endireitaram-no, levantaram-lhe a cabeça e deitaram-no numa coisa quente e macia. Sentiu que lhe esfregavam o corpo com óleo, embora não conhecesse o óleo, e depois lavaram-no, embora não lhe restasse senão aceitar o que se estava a passar, uma vez que não sabia nada de nada, mas não havia dor, e estava quente e confortável, apesar de muito cansado sem o saber, e os olhos fecharam-se-lhe e ele adormeceu, sem saber sequer o que era dormir. O instinto ainda era tudo o que possuía, mas por ora o instinto bastava.

Estava a dormir e acordaram-no. Ele não sabia qual a diferença, pois o saber ainda não fazia parte do seu ser. Já não se encontrava no seu mar privativo, mas estava quente e acolhido. Também sentia movimento, embora não feito por si. Movia-se simplesmente através do ar e não do líquido, e respirava ritmicamente, apesar de não saber que o fazia. O instinto incitava-o a respirar. Era também o instinto que o impelia a movimentar as pernas e os braços no ar, como antes fizera no mar privativo. Depois, subitamente, pois tudo agora lhe acontecia subitamente, sentiu que era pousado numa superfície que não era macia nem dura. Sentiu que era segurado contra outro calor e que a sua boca era aproximada de um calor diferente. Como continuava a nada saber, o instinto agiu. Abriu os lábios, sentiu que algo macio e pequeno lhe era delicadamente empurrado para dentro da boca, um líquido adocicado tocou-lhe na língua, um prazer instintivo percorreu-lhe todo o corpo, e conheceu uma necessidade inteiramente nova e inesperada. Começou a mamar,

começou a engolir e foi totalmente absorvido por este novo instinto. Era algo que ele nunca experimentara, este prazer em todo o seu ser. Com a mesma intensidade com que sentira dor, sentia agora prazer. Era este o seu primeiro conhecimento, dor e prazer. Não sabia o que eram, mas sabia a diferença entre eles e que detestava a dor e amava o prazer. Este conhecimento era algo mais do que instinto, embora o instinto estivesse presente. Conhecia instintivamente a sensação de prazer e conhecia instintivamente a sensação de dor. Quando sentia dor, abria instintivamente a boca e gritava alto e até com fúria. Aprendeu que, quando o fazia, aquilo que lhe causava dor parava, e isso tornou-se conhecimento.

O que ele não sabia era que, após um certo tempo em que sentia prazer, os lábios apartavam-se e a boca abria-se muito. Por vezes saía dele um tipo diferente de ruído; inspirava com deleite. Isso podia acontecer quando via certas Criaturas, principalmente se faziam barulhos dirigidos a si e lhe tocavam nas faces ou no queixo. Aprendeu que, quando mostrava primeiro o seu prazer, elas correspondiam com esses barulhos e toques. Também isso se tornou conhecimento. Aquilo que ele mesmo era capaz de fazer ou de causar, por sua própria vontade e esforço, tornava-se conhecimento, e por instinto fazia uso do conhecimento. Desse modo, o instinto levou-o a conhecer pessoas. A princípio, só se apercebia de si próprio, do seu prazer, da sua dor. Depois começou a associar certas pessoas ao prazer e à dor. A primeira pessoa a quem fez essa associação foi a mãe. Primeiro conheceu-a apenas por instinto e por prazer. Alimentava-se dos seus seios e esse foi o seu prazer primeiro. Enquanto mamava, olhava-lhe instintivamente para o rosto, até que as suas feições se tornaram parte do processo do prazer. Como aprendeu a sorrir quando sentia prazer, instintivamente sorriu primeiro para ela.

Mas um dia ficou ofendido, assustado até, ao descobrir que aquele outro ser aprazível, que proporcionava prazer, também podia infligir dor. Ele vinha sentindo uma necessidade instintiva de cerrar as mandíbulas em qualquer coisa, por estarem doridas e febris. Naquele dia, quando já mamara o suficiente para matar a fome, instintivamente cerrou as mandíbulas sobre aquilo que tinha na boca. Para sua surpresa, ela soltou um grito, não muito diferente dos seus quando sentia dor, e no mesmo instante voltou a sentir dor. Foi na face, uma parte de si de que ainda não tomara consciência. Imediatamente, por instinto, desatou a chorar com força e sentiu no rosto qualquer coisa molhada, que parecia água. Foram as suas primeiras lágrimas, e eram o efeito de uma nova espécie de dor. Não foi da face, que ainda lhe ardia, mas de uma ferida interna que não era capaz de definir. Espalhou-se-lhe no peito, uma ofensa interior. Sentiu-se de repente sozinho e perdido. Aquela Criatura macia e quente, que cuidava dele de dia e de noite, que o amamentava com os seus seios e de quem ele era totalmente dependente, infligira-lhe dor! Confiara inteiramente nela e agora já não podia confiar, porque ela magoara-o! Sentiu-se apartado, um ser sem ligação a nada e, por conseguinte, perdido. De facto, como ele continuava sentido, a chorar, ela tomou-o nos braços, balançou-o para cá e para lá, mas ele não conseguia parar de chorar. Ela enfiou-lhe o mamilo na boca aberta, oferecendo-lhe de novo alimento, o alimento doce e tépido que ele aceitava sempre com avidez, mas ele virou a cabeça e recusou-o. Chorou até deixar de sentir a dor interior e depois adormeceu.

Quando acordou estava na sua cama de grades, deitado para o lado direito. Virou-se de costas e depois para o lado esquerdo. Tomado por um desejo que era novo para ele, sentiu-se impedido para o lado direito e para se virar de barriga para baixo.

Como tinha a cara pressionada contra a cama, sentiu o impulso de erguer a cabeça. Tudo lhe parecia novo e diferente, como se nunca ali tivesse estado. Era como se estivesse a olhar de uma elevação. E podia virar a cabeça para um lado e para o outro. Estava constantemente a ter surpresas destas. Nisto, ouviu um grito agudo e sentiu-se arrebatado pelos braços da Criatura, aquela que fora capaz de lhe infligir tanta dor que ele chorara até adormecer. Mas isto que estava a sentir era prazer, um novo tipo de prazer, que não tinha nada a ver com alimento. Se antes sentira uma dor interna, agora invadia-o um prazer interior. Pertencia novamente a ela. Sentiu-se outra vez aconchegado e afeiçoado. Ela estava a fazer ruídos, sentiu-lhe os lábios nas faces, no pescoço. Ela chamou, e apareceu outra Criatura que o olhou demoradamente. Ele olhava para um e para outro, sentindo-se ligado a ambos. Era mais uma vez o instinto. Não os conhecia, nem sabia porque se sentia uma parte deles. Mas dava prazer. Sentiu que a boca se mexia, que os lábios hesitavam por instinto, produziu um som novo e ouviu gritos de alegria e surpresa dos outros dois.

Depois disso, quase todos os dias sentia que estava a mudar. Sentia-se impelido a fazer aquilo que lhe parecia impossível executar. Passou a ser perfeitamente natural rolar e ficar de barriga para baixo, quando estava na cama, e levantar a cabeça. Depois erguia o tronco e o seu mundo tornava-se maior. Conseguia ver para lá da cama. Dentro de poucos dias, quantos não sabia, pois ainda era impulsionado pelo instinto, descobriu que também era capaz de endireitar o corpo até ficar de joelhos. Apoiado nas mãos e nos joelhos, balançava para trás e para a frente, sentindo o movimento percorrer-lhe o corpo. Dava-lhe prazer e repetia-o vezes sem conta. Depois disto, os dias passavam depressa. O instinto transformava-se rapidamente em conhecimento.

Já era uma questão de hábito equilibrar-se nas mãos e nos joelhos. Sabia como fazê-lo, e já não lhe bastava. O instinto persuadiu-o a avançar, pondo uma mão à frente da outra, acompanhando com os joelhos e, quando chegava aos limites da cama, ou do sítio onde a Criatura o punha durante o dia, como não podia avançar mais, agarrava-se às grades de madeira e punha-se de pé.

Agora sim, estava realmente num ponto elevado. Daquela altura, tudo, o mundo inteiro, tinha um aspeto diferente. Já não se encontrava lá em baixo. Agora estava por cima. Estava mais alto do que o mundo e ria-se de alegria.

Enfiando a cara por entre as grades, via as Criaturas a quem estava ligado, ou só uma ou as duas, andando de um lado para o outro. O instinto agitava-se em si, mas era também conhecimento. Já tinha muitas maneiras de saber. Observava com os olhos, inicialmente vira sem ter conhecimento, mas agora, continuando a ver, adquiria conhecimento. Sabia que a colher, o prato e o copo serviam para o alimentar, em lugar do seio. Ia aprendendo a saber. Passava agora mais tempo a aprender do que em ações instintivas. Estava rodeado de coisas. Tinha de adquirir conhecimentos sobre elas, de pegar nelas ou de lhes tocar, se eram grandes de mais para as segurar. Gostava de agarrar e de tocar. Também gostava de tomar o gosto, que afinal não era mais do que tocar com a língua. Quando descobriu essa maneira de aprender, metia tudo na boca ou, se a coisa era grande, tocava-lhe com os lábios. Foi assim que descobriu o sabor. Todas as coisas tinham sabor, assim como uma superfície onde tocar. Começou a saber cada vez mais, pois aprender era instintivo, e saber também.

Dedicou-se totalmente à tarefa de aprender e, como parte dessa tarefa, tornou-se necessário movimentar-se. Já descobrira

que, se pusesse uma mão à frente da outra, uma após outra, os joelhos acompanhavam-nas. O parque acanhado tornou-se muito pequeno para o conter. Sentia-se impelido a sair dele, a ir para o lado de fora, e chorava, gritava, usando a voz para levar a sua avante, até ser levantado no ar e posto do lado de fora. Então, de gatas, começava a explorar. Quando chegava junto de uma cadeira ou da perna de uma mesa, o instinto de subir levava-o a erguer-se a uma altura maior. A princípio não sabia o que fazer. Estava de pé, agarrado a qualquer coisa com as mãos, mas desconhecia qual o passo seguinte. É certo que via o que outras Criaturas faziam, mas não sabia como o faziam. Havia também o perigo de cair. Já experimentara soltar as mãos, mas sentara-se no chão tão bruscamente que achara necessário chorar, para que a Criatura acorresse e lhe pegasse para o confortar. Não sabia que nada é permanente. Tudo começava pelo desconhecimento. Tinha de aprender que podia tentar de novo, e isso começou com o instinto a incitá-lo para continuar a tentar.

Nessa altura a Criatura ajudou-o. Segurou-o pelas duas mãos e ergueu-o para ele se pôr de pé. Depois puxou-o para si deitar, e ele verificou que um pé seguia o outro por instinto e ele avançava. Era capaz de andar! Nunca mais se conformaria de estar fechado num espaço. Era uma Criatura livre como as outras Criaturas. Bem, de quando em quando ainda caía, por vezes magoava-se, mas aprendeu a levantar-se e recomeçar.

Era um prazer novo. Não pretendia ir a lado nenhum nem atingir qualquer objetivo, queria simplesmente segurar-se de pé e caminhar. Na verdade, era muitas vezes atraído por algum objeto e induzido a parar, a ver, a sentir, a tocar, a tomar o gosto, para aprender por todos esses meios o que esse objeto era e para que servia. Depois de saber, o instinto impelia-o para outra coisa nova. Gradualmente foi aprendendo a equilibrar-se, de modo a não cair ou a cair menos vezes.

*

Entretanto achava necessário fazer ruídos. A voz, tinha-a descoberto quase imediatamente depois de ter emergido do seu mar privativo, pois chorara de dor instintivamente. A dor ensinara-o a fazer um ruído de protesto. A seguir conhecera o riso. Fazia uso desses ruídos várias vezes por dia. Mas havia outros ruídos da voz. As Criaturas usavam a voz constantemente, às vezes para rir, mas também para outros sons. Por exemplo, usavam um certo som para ele. Foi o primeiro som especial que aprendeu, o primeiro som constante, a primeira palavra — o seu nome, Randolph, Rannie. Esta palavra era geralmente usada com outras, uma vez mais relacionadas com dor ou com prazer. Eram duas palavras muito curtas, «não» e «sim». Não, Rannie e sim, Rannie significavam dor e prazer. As palavras não podiam ser aprendidas por instinto. Só podiam ser aprendidas por experiência. A princípio não fez caso delas. «Não» nada significava para ele. Mas depressa percebeu que, se não fizesse caso da palavra, ela depressa seria seguida pela dor, uma palmada súbita na mão ou no traseiro. De modo que aprendeu a fazer uma pausa quando ouvia a palavra «não», principalmente se era seguida por «Rannie», que significava ele. Aprendeu que toda a gente tem uma palavra especial. Aprendeu «mamã» e aprendeu «papá». Eram as duas Criaturas a quem ele pertencia e que lhe pertenciam. Eram eles que lhe diziam não e sim. Também diziam «vem». Começou a saber, por ter aprendido, quando é que ele próprio devia usar o não e o sim. Um dia, eles disseram-lhe: «Vem, Rannie, vem, vem.» Aconteceu que naquele momento ele não quis ir. Estava ocupado com os seus assuntos pessoais. Instintivamente, usou a palavra que conhecia melhor.

— Não — disse. — Não, não, não.

Sentiu-se de imediato levantado do chão pelo mais alto.

— Sim, sim, sim — disse-lhe ele.

Para sua surpresa, esta palavra agradável foi acompanhada por uma forte palmada no traseiro. Começou logo a chorar. Chorava com facilidade, sempre que quisesse. Por vezes era útil, outras vezes não era. Dessa vez não foi.

– Não, nada de choros – disse-lhe o mais alto.

Olhou para a cara dele e decidiu parar de chorar. Isto era aprendizagem pelo conhecimento. Não se respondia «não» quando um dos grandes dizia «vem» ou «sim».

Mas o que lhe interessava realmente não eram essas frações de conhecimento acidentais. A tarefa a que preferia dedicar-se era a investigação. Vivia obcecado pelo desejo de investigar, de abrir todas as caixas, de ver se conseguia voltar a tapá-las depois de verificar o que tinham dentro, de abrir todas as portas, de subir as escadas uma vez e outra, de tirar de dentro dos armários panelas e frigideiras, latas e caixas, de fazer cair os livros das prateleiras, de abrir gavetas, de destapar boiões e garrafas. Depois de fazer uma descoberta, não via razão para repor as coisas nos seus lugares. Já tinha aprendido aquilo que queria saber, o assunto estava arrumado. Adorava despejar gavetas e desenrolar papel higiénico. Gostava de brincar na água e de abrir e fechar torneiras na casa de banho. Não via motivo para os gritos de horror da mãe, mas, quando ela dizia «não, não, Rannie», ele abandonava o que estava a fazer e prosseguia o trabalho noutra sítio.

No seu primeiro aniversário, que ele não entendia o que era, divertiu-se com a única vela espetada no bolo e a aprender a soprá-la, pediu para a acenderem mais uma vez, e outra e outra, para tentar perceber o que era a luz. Quando o mais alto acendeu a vela pela última vez – «Mais não, Rannie. Não, não, não» –, decidiu experimentar outra maneira de descobrir o que aquilo era. Levou o indicador à chama, mas retirou-o imediatamente.

Estava demasiado abalado para chorar. Em vez disso, inspecionou o dedo e olhou para a mãe com um ar interrogativo.

– Quente – disse ela.

– Quente – repetiu ele. Depois, como já sabia, começou a chorar, porque quente também era dor.

Então, a mãe tirou um pedacinho de gelo do copo de limonada e levou-lho ao dedo que já estava a empolar.

– Frio – disse ela.

– Frio – repetiu ele.

Já sabia o que era quente e frio. Esta aprendizagem era dura, mas emocionante. Quando estava a comer o gelado, transmitiu o seu conhecimento.

– Frio – disse.

Não compreendeu por que razão as suas duas Criaturas riram-se e bateram palmas.

– Frio – concordaram. Tornara-os felizes, não sabia porquê, mas estava feliz consigo mesmo e riu-se também.

Nada sabia a respeito de tempo, mas estava sempre consciente do seu corpo e das necessidades dele, e desse modo tornou-se consciente do tempo. Algo na sua barriga, um vazio que era quase dor mas não inteiramente, era um desconforto tão grande que só o alimento conseguia eliminá-lo. Essa necessidade dividia o dia em tempos. Assim que escurecia ficava com sono. Os olhos fechavam-se-lhe, e a Criatura-mãe metia-o em água quente e vestia-lhe roupas macias e quentes. Bebia leite e ingeria comida reconfortante e, já na cama, queria brincar com uma Criatura-brinquedo, mas os olhos cerravam-se. O quarto estava escuro, mas, quando voltava a abrir os olhos, já havia luz. Punha-se de pé e gritava pela mãe, e ela vinha, toda sorrisos, e tirava-o da cama, ele era lavado e alimentado outra vez, e depois entregava-se à sua tarefa diária, que continuava

a ser investigar tudo vezes sem conta, demorando-se mais naquilo que era novo ou, se estava sozinho, examinar as coisas de que ela dizia sempre «não, não», quando estava presente. No seu íntimo não sentia que este trabalho de aprendizagem tivesse limites. Precisava de saber.

Um dia travou conhecimento com uma nova criatura. Foi o mais alto que a trouxe. Era pequena e macia, tinha quatro pernas e fazia um ruído que ele nunca ouvira.

– ão, ão! – dizia a nova criatura.

– Cão – explicou o mais alto.

Mas ele teve medo do cão, recuou e pôs as mãos atrás das costas.

– ão, ão, ão – disse o cão.

– Vês, é o cão do Rannie – disse o mais alto.

Pegou na mão de Rannie e com ela fez festas ao cão.

– Cão – disse Rannie, e perdeu o medo. Era um conhecimento novo. O cão tinha de ser examinado e a cauda puxada. Uma cauda, porquê?

– Não, não – disse a mãe. – Não magoes o cão.

– Magoar? – repetiu Rannie, perplexo.

Ela puxou a orelha de Rannie com força.

– Não, magoar, não! – repetiu. – Assim, vês...

A mãe acariciou o cão delicadamente, e Rannie, depois de observar, fez o mesmo. De repente, o cão lambeu-lhe a mão. Ele recuou.

– Não, não, cão! – exclamou.

A mãe riu-se.

– Ele gosta de ti... lindo cão! – exclamou ela.

De dia para dia ia aprendendo palavras novas. Desconhecia que não era normal aprender palavras tão cedo. Apenas se alegrava por os pais rirem-se e baterem palmas tantas vezes.

Quando chegou o seu segundo aniversário, até já sabia contar. Sabia que um se seguia a outro e a outro e que cada um tinha um nome. Um dia, a brincar com os cubos, aprendeu esses nomes por acaso. De uma caixa cheia de cubos, tirou um que pôs no chão.

– Um – disse a mãe.

Ele tirou outro e pô-lo junto ao primeiro.

– Dois – disse a mãe.

E continuou, até ela dizer «dez». Aqui, recomeçou do um e foi repetindo os nomes. A mãe olhava-o espantada, depois arrebatou-o nos braços com alegria. À noite, quando o pai chegou a casa, ela foi buscar os cubos outra vez.

– Conta-os, Rannie – disse-lhe.

Ele recordou facilmente os nomes, e os pais olharam um para o outro muito sérios e admirados.

– Ele não é...

– Parece tão...

Repetiu os nomes outra vez, muito depressa e a rir-se.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez!

Eles não se riram. Olharam um para o outro. Nisto, o pai tirou do bolso uns objetos pequenos, redondos.

– Cêntimos – disse.

– Cêntimos – repetiu Rannie. Repetia tudo o que eles lhe diziam, e depois lembrava-se da palavra que correspondia a cada objeto.

O pai pousou um cêntimo na carpete, onde se ajoelhou em frente de Rannie.

– Um cêntimo – disse distintamente.

Rannie ouviu, sem repetir. Era óbvio que aquilo era um cêntimo. O pai pôs outro cêntimo no chão e olhou para Rannie.

– Dois – disse Rannie.

E a brincadeira continuou, até chegar a dez cêntimos. Os pais olharam um para o outro.

— Ele compreende... compreende os números — disse o pai, atônito.

— Eu bem te disse — retorquiu a mãe.

Está claro que, depois disto, tudo tinha de ser contado. Maçãs numa taça, livros nas prateleiras, pratos no armário. Mas o que viria depois do dez? Pediu à mãe que lho desse a conhecer.

— Dez, dez, dez — disse, com impaciência. O que se seguia ao dez?

— Onze, doze, treze — disse a mãe.

Ele captou a ideia imediatamente. A contagem nunca mais parou. Não tinha fim. Contava tudo, tentava chegar ao inumerável. Começou a aperceber-se do interminável. Por exemplo, as árvores do bosque, onde iam fazer piqueniques. Depois de compreender o que era contar, tornou-se inútil contá-las, passou a ser simplesmente mais do mesmo.

O dinheiro, evidentemente, era diferente das árvores ou das margaridas de um campo. Aos três anos já sabia que o dinheiro tinha de ser dado em troca das coisas que uma pessoa queria. Ia com a mãe à mercearia da rua e via-a dar moedas ou notas em troca de pão, leite, carne, legumes, fruta.

— O que é? — perguntou da primeira vez, quando voltou para casa. Tinha encontrado o porta-moedas, abri-o e alinhara em fila, na mesa da cozinha, as diferentes moedas que ele continha.

Ela disse-lhe o nome de cada uma e ele ia repetindo. Nunca mais esquecia aquilo que ouvia uma vez. Fazia infinitas perguntas e lembrava-se sempre das respostas. Mas fazia mais do que lembrar-se. Compreendia o preceito. O dinheiro era apenas dinheiro. Não era nada, se não fosse trocado por aquilo que era necessário. Era esse o seu valor, era esse o seu significado.

A mãe olhara-o com um ar estranho naquele dia, quando ele repetira perfeitamente os nomes das moedas.

— Nunca te esqueces de nada, pois não, Rannie? — perguntara ela.

— Não — respondera ele. — Posso precisar de me lembrar, por isso não devo esquecer.

Ela olhava muitas vezes para ele de forma estranha, como se tivesse medo dele.

— Porque olhas para mim com ar severo, mamã? — perguntara-lhe.

— Na verdade não sei — respondera ela com franqueza. — Talvez seja porque nunca vi um menino como tu.

Ele matutou naquilo, mas sem compreender. Fê-lo sentir-se só, de certa maneira, mas não teve tempo para pensar mais nisso, pois queria aprender a ler.

— Livros — disse ele um dia ao pai. — Porque é que há livros?

O pai estava sempre a ler livros. Era professor universitário. À noite lia livros e escrevia palavras no papel.

— Nos livros aprende-se tudo — respondeu o pai.

Nevava nesse dia, um sábado em que o pai estava em casa a ler livros.

— Eu também quero ler — disse ele ao pai.

— Hás de aprender quando fores para a escola — disse-lhe o pai.

— Quero aprender já — retorquiui ele. — Quero ler todos os livros que há no mundo.

O pai riu-se e pousou o livro que estava a ler.

— Está bem — disse-lhe. — Vai buscar uma folha de papel e um lápis, que eu ensino-te como hás de começar a ler.

Ele correu até à cozinha, onde a mãe estava a fazer o jantar.

— Lápis e papel — disse com vivacidade. — Vou começar a ler.

A mãe pousou a grande colher com que estava a mexer qualquer coisa numa panela que tinha ao lume. Dirigiu-se para o escritório, onde o pai estava a ler.

- Não vais ensinar aquele bebé a ler! – exclamou.
- Ele não é nenhum bebé – replicou o pai. – Se queres que te diga, nunca foi bebé. Ele quer ler. É claro que vou ensiná-lo.
- Não sou apologista de se forçar as crianças – disse a mãe.
- Não estou a forçá-lo... ele é que está a forçar-me – disse o pai a rir-se. – Muito bem, Rannie, dá-me o papel e o lápis. Ele esqueceu-se da mãe e ela deixou-os sós. O pai escreveu uma linha de sinais no papel.
- Estes são os tijolos de que as palavras são feitas, vinte e seis ao todo. Chamam-se letras.
- Todas as palavras? – perguntou ele. – Todos esses livros cheios de palavras?
- Todas as palavras, todos os livros, isto é, em inglês – respondeu o pai. – E cada tijolo tem o seu próprio nome e o seu próprio som. Em primeiro lugar vou dizer-te os nomes.
- Em seguida o pai repetiu claramente e devagar os nomes das letras. Bastaram três repetições para ele ficar a saber o nome de cada letra. O pai pô-lo à prova, escrevendo as letras fora da ordem, mas ele sabia-as todas.
- Bem – disse o pai com ar surpreendido. – Muito bem. Agora vamos ver o que elas dizem. Cada uma tem um som.
- Durante uma hora escutou atentamente aquilo que cada letra dizia sonoramente.
- Já posso ler – exclamou. – Já posso ler, porque compreendo.
- Mais devagar – disse-lhe o pai. – As letras dizem diferentes sons, quando as juntamos. Mas já aprendeste o suficiente para um dia.
- Já posso ler, porque sei como a leitura é feita – insistiu ele. – Eu sei, portanto sou capaz.
- Muito bem – disse o pai. – Experimenta sozinho, e quando precisares pergunta.
- E retomou a sua leitura.

«SOU SUFICIENTEMENTE AMERICANA, TALVEZ, PARA QUERER CASAR-ME CONTIGO PASSANDO POR CIMA DE TUDO AQUILO QUE SOU, MAS, AI DE MIM, CHINESA QUE BASTE PARA SABER QUE DEVO PONDERAR.»

Que pode o conhecimento dos livros contra a experiência íntima da vida? Randolph, jovem de extraordinária criatividade, parece ter um destino traçado para o êxito. Nascido nos Estados Unidos, parte pela Europa e Ásia com o desejo de descobrir o mundo vivendo-o, numa sede interminável de sabedoria.

Numa estadia em Paris, o seu caminho cruza-se com o de Stephanie.

Filha de pai chinês e mãe norte-americana, também ela procura compreender e encontrar um lugar que seja seu, dividindo-se entre duas culturas aparentemente opostas. Separados durante longos intervalos e assim entregues aos seus fantasmas pessoais, preparam-se os dois para descobrir que se pode conciliar o conhecimento e a experiência, bem como as heranças ocidental e oriental, mas isso terá um preço...

Décadas depois da sua morte, em 1973, a recente descoberta do manuscrito de *A Eterna Demanda*, agora editado, revela-nos aquele que talvez seja o trabalho mais pessoal de Pearl S. Buck, nesta sua derradeira obra, uma comovente exploração da identidade que forjamos para nós próprios e para os outros.

**O ROMANCE PERDIDO, AGORA REDESCOBERTO,
DE UMA DAS MAIS AMADAS ESCRITORAS
NORTE-AMERICANAS**

ELSNORE

entre nós e as palavras

20/20 editora

ISBN 978-989-8826-40-0



9 789898 626400

Literatura Estrangeira

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSNORE.PT